

AURORA OBREIRA

REVISTA N° 64
ANO 5 - 2016
JULHO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!



112E2D3

O gado

Vejam as pessoas
passarem, ela vão, elas
vem

Cabisbaixas, velozes,
surdas, mudas, fechadas

Cada qual só, sozinhas,
sem ninguém

em meio a multidão
ruminante!

Ruminantes sem eira,
marcham tapadas

Seguem sempre em
frente, abismo sob seus
pés

Caminham para o poço!

Poço fundo, se precipitam
atrás de seus líderes

Atrás de seu eu alheio
Sem identidade própria,
esperam que no fim do
poço

Encontrem sua imagem
refletida.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 64 - Julho 2016. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes. sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra.

Movimento Anarquista. Danças das Idéias. ATB. Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil

Esta revista foi feita em soft livre. Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 17

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net

ou fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberaĉana Barikado (LoBo) - 2016;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo;

Por reprodukti, disvatiĝi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



PSICOLOGICA



FISICA



PATRIMONIAL



**DESIGUALDADE E
DESCRIMINAÇÃO**



SEXUAL



ECONOMICA

**TODA VIOLÊNCIA
É GRAVE E CAUSA DANOS IGUAIS!**



**FENIKSO NIGRA
INOJ MOVADO**

COMITÊ ANTI-ELEITORAL 2016

ANARKIO.NET



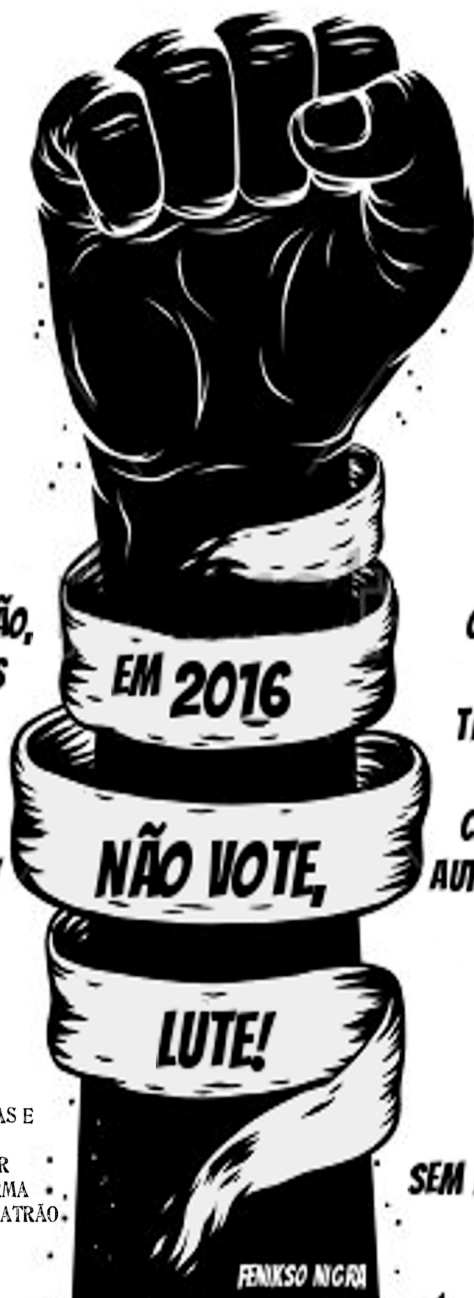
**ELEIÇÃO É ENGANAÇÃO,
OS PARTIDOS E SEUS
CANDIDATOS SÓ
BUSCAM O PODER E
IGNORAM NOSSAS
DEMANDAS SOCIAIS!**



**ANARQUISMO-
QUANDO PESSOAS OPRIMIDAS E
EXPLORADAS
ESTÃO ORGANIZADAS POR
SUA EMANCIPAÇÃO, DE FORMA
DIRETA, SEM PARTIDOS, SEM PATRÃO,
SEM ESTADO!**



**ORGANIZE EM SUA
COMUNIDADE, NO
TRABALHO, ESCOLA,
FACULDADE, NOS
CAMPOS E CIDADES
AUTOGESTÃO SOCIAL,
SEM PARTIDOS,
SEM ESTADO,
SEM PATRÃO!
POLÍTICA DIRETA
DE OUTRO JEITO,
SEM REPRESENTANTES!**



FENKSO NIGRA

NÃO ALIMENTE PARASITAS PARTIDÁRIOS!

NÃO TEM DIREITOS?



Uma aula sobre "Mídia e terrorismo"

Noam Chomsky

"A guerra ao terrorismo é pura propaganda e os meios de comunicação, incluídos os europeus, fazem o jogo dos poderosos, desviando o público das questões realmente importantes"

"A guerra ao terrorismo é pura propaganda e os meios de comunicação, incluídos os europeus, fazem o jogo dos poderosos, desviando o público das questões realmente importantes." Não poupa palavras Noam Chomsky, lingüista, consciência crítica dos EUA e, a partir de hoje, também doutor honoris causa em psicologia. A honra lhe foi conferida pela Universidade de Bolonha: algumas horas antes da cerimônia, porém, o professor quis encontrar os estudantes da faculdade de Psicologia, que o homenagearam com uma acolhida muito calorosa. Na aula magna, dotada de 200 assentos, reuniram-se cerca de 500 pessoas. Ele não as decepcionou: durante a hora e meia que durou sua aula sobre "mídia e terrorismo", vestido de uma forma bem mais casual e descontraída do que as dezenas de professores presentes no evento, ele acusou a informação mundial e os governos de seu próprio País –

também os predecessores de George W. Bush – elencando, rapidamente, fato após fato com um grande senso de provocação.

O caso Terri Schiavo, que nas últimas semanas deixou em segundo plano todas as outras notícias internacionais, foi tomado por Chomsky como exemplo de argumento que a propaganda quer tornar importante para manter o grande público desinformado a respeito dos outros assuntos. "Nesta minha viagem pela Europa, fiquei muito impressionado com a constatação de quanto os intelectuais europeus estejam subordinados à agenda política dos EUA. Se Bush, por puro cinismo político, decide que o caso Schiavo é o problema mais importante, todos os meios de comunicação europeus ficam inundados com o caso Schiavo", diz o professor. "Basta dar uma olhada aos jornais de hoje: La Repubblica, por exemplo, dedica cinco páginas ao assunto. Somente na página 18, em um pequeno artiguinho na parte inferior, fala-se do relatório da ONU que documentou como o número de crianças desnutridas do Iraque dobrou com a guerra. É essa a cultura da vida invocada por Bush?".

Desde o Iraque até John Negroponte, até algumas semanas atrás embaixador em Bagdá, e que acaba de ser nomeado super-chefe da inteligência estadunidense, o passo é breve. Chomsky o define "um dos mais importantes terroristas internacionais", pela sua atividade de embaixador em Honduras no começo dos anos oitenta, quando, no pequeno país da América Central, os EUA treinavam terroristas para combater o governo sandinista da Nicarágua. "Ainda hoje, já que os EUA se recusam de pagar os ressarcimentos ordenados pela ONU, 60 por cento das crianças nicaraguenses com menos de 2 anos de idade estão subnutridas". A conclusão? "Se realmente nos importássemos com a cultura da vida, nos preocuparíamos com essas crianças, não com Terri Schiavo. Mas se, para a cultura ocidental, a preocupação com o terrorismo é igual a zero, evidentemente, a preocupação com a cultura da vida é abaixo de zero".

Segundo Chomsky, para vender aos americanos a guerra contra o terrorismo ("quando um Estado a declara, significa que está pronto para cometer graves atos terroristas"), é necessário espantar continuamente o público. E o aparato midiático tem uma

importância estratégica para preparar os conflitos: "Nos anos 80, dizia-se que os sicários da Líbia estivessem rondando por Washington, e em seguida, deu-se o bombardeio da Líbia. Em 1989, provocou-se uma histeria coletiva contra o narcotráfico, seguida pelo ataque ao Panamá. Para o Iraque houve a invenção das armas de destruição em massa: ainda hoje, 50 por cento dos americanos acredita que aquelas armas realmente existiam". Mas as verdadeiras ameaças à população, para Chomsky, são outras: "Nos últimos 25 anos, os salários reais nos EUA caíram. Aumentaram as horas de trabalho e foi limitado o direito à assistência de saúde. Se as pessoas se concentrassem nisso, o poder não teria mais um jogo fácil. Por isso tanto espaço é dado a acontecimentos como o de Terri Schiavo, que desviam o público dos problemas reais".

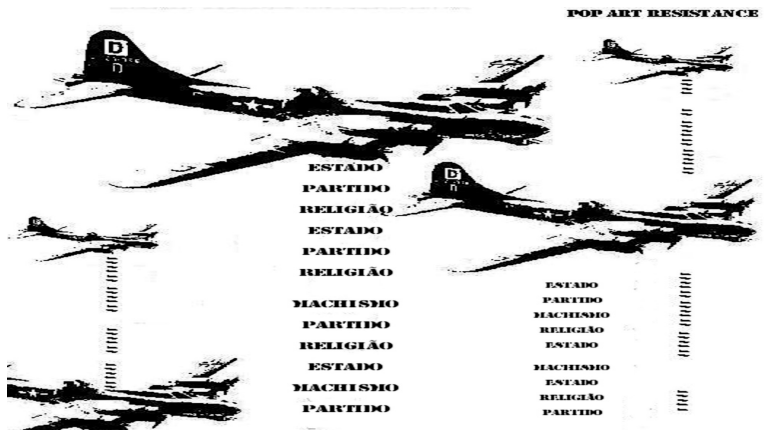
"O senhor acredita que os EUA atacam o Irã?", pergunta um estudante.

Chomsky é cético: "Quando se quer atacar um país, então não se fica anunciando os próprios propósitos por anos a fio, o que pode avantajá-lo". O ponto, para Chomsky, é outro: a invasão do Iraque e o chove e não molha com o Irã sobre o enriquecimento do urânio para fins nucleares ("Teerã tem todo o direito de fazê-lo, se for para fins pacíficos"), segundo ele, deixaram passar uma mensagem perigosa. "É claro que os EUA declaram guerra somente contra um Estado incapaz de se defender. Portanto, a lição para o resto do mundo é: vocês deveriam se dotar de defesas, para não serem atacados pelos EUA".

O último tema abordado por Chomsky é o futuro da ONU, posto em crise pela guerra do Iraque e pelo escândalo do programa Oil for Food. Para o professor, "o destino das Nações Unidas depende da possibilidade de que as nações ocidentais se tornem verdadeiras democracias. Nos EUA, ao contrário daquilo que os meios de comunicação querem fazer acreditar, a maioria do público apóia a ONU, quer que os EUA paguem suas dívidas junto à organização e até que abandonem o direito de veto. Dessa forma, se os EUA se tornassem uma democracia, o futuro da ONU seria mais promissor". Também, sobre o escândalo do Oil for Food, para Chomsky, a intervenção da propaganda de Washington é pesada:

"Os meios de comunicação dão importância às dezenas de milhares de dólares que, talvez, tenham sido recebidas por um funcionário da ONU e pelo filho de Kofi Annan. Mas ninguém fala nada sobre os 15 bilhões de dólares que os EUA fizeram desaparecer do programa, compensando aliados como a Turquia e a Jordânia. Nem dos 18 bilhões para a reconstrução do Iraque, dos quais não existe mais qualquer rastro. Quem escreve qualquer coisa sobre isso? O objetivo é aquele de desacreditar a ONU, de todos os modos".





A Igualdade Social não será obra da generosidade de ricos

Élisée Reclus

As boas almas esperam que, não obstante, tudo se arranjará, e que, em um dia de revolução pacífica, veremos os defensores do privilégio cederem de bom grado à pressão vinda de baixo.

É verdade, confiamos que eles cederão um dia, mas então o sentimento que os guiará não será certamente de origem espontânea: a apreensão do futuro e principalmente a percepção de “fatos consumados”, portanto o caráter do irrevogável, impor-lhes-ão uma mudança de rumo; eles se modificarão, sem dúvida, mas quando houver para eles impossibilidade absoluta de continuar os erros seguidos. Esses tempos ainda estão distantes. Faz parte da própria natureza das coisas que todo organismo funcione no sentido de seu desenvolvimento normal: ele pode parar, quebrar-se, mas não funcionar às avessas. Toda autoridade procura crescer às expensas de um maior número de indivíduos; toda monarquia tende forçosamente a se tornar monarquia universal. Para um Carlos V, que, refugiado em um convento, assiste de longe a tragicomédia dos povos, quantos outros soberanos cuja ambição de comandar nunca será satisfeita e que, exceto a glória e o gênio, são outros tantos Alexandres, Césares e Átilas? Assim também, os financista que,

cansados de ganhar, dão todos os seus haveres a uma bela causa, são seres relativamente raros: mesmo aqueles que tivessem a sabedoria de moderar seus desejos não podem parar diante dessa fantasia: o meio no qual eles se encontram continua a trabalhar para eles; os capitais não cessam de reproduzir-se em rendimentos a juros compostos. Tão logo um homem é investido de uma autoridade qualquer, sacerdotal, militar, administrativa ou financeira, sua tendência natural é usá-la, e sem controle; não existe carcereiro que não gire sua chave na fechadura com um sentimento glorioso de sua onipotência; não há guarda campestre que não vigie a propriedade dos senhores com olhares de ódio contra o ladrão de frutas; não há oficial de justiça que não sinta um soberbo desprezo pelo pobre diabo ao qual ele intima.

E se os indivíduos isolados já estão enamorados pela “parte de realeza” que imprudentemente se lhes distribuiu, muito mais ainda os corpos constituídos com tradições de poder hereditário e um ponto de honra coletivo! Compreende-se que um indivíduo, submetido a uma influência particular, possa estar acessível à razão ou à bondade, e que, tocado por uma repentina piedade, abdique de seu poder ou entregue sua fortuna, feliz de reencontrar a paz e ser acolhido como um irmão por aqueles que outrora oprimia sem seu conhecimento ou inconscientemente; mas como esperar semelhante ato de toda uma casta de homens ligados, uns aos outros, por uma corrente de interesses, pelas ilusões e pelas convenções profissionais, pelas amizades e pelas cumplicidades, e até mesmo pelos crimes? E quando as garras da hierarquia e o chamariz da promoção controlam o conjunto do corpo dirigente como uma massa compacta, que esperança se pode ter de vê-lo melhorar repentinamente; que benção poderia humanizar essa casta inimiga – exército, magistratura, clero? É possível imaginar-se logicamente que um semelhante grupo possa ter acessos de virtude coletiva e ceder a outras razões senão ao medo? É uma máquina, viva, é verdade, e composta de engrenagens humanas; mas ela caminha à sua frente, como animada por uma força cega, e, para detê-la, será preciso nada menos que a força coletiva, insuperável, de uma revolução.

Admitindo, todavia, que os “bons ricos”, tendo ingressado todos no “caminho de Damasco”, fossem iluminados repentinamente por um astro resplandecente e fossem convertidos, renovados como por um raio, admitindo – o que nos parece impossível – que eles tivessem consciência de seu egoísmo passado e que, livrando-se apressadamente de sua fortuna em proveito daqueles que lesaram, devolvessem tudo e se apresentassem de mãos abertas na assembléia dos pobres dizendo-lhes: “Tomai!”, se eles fizessem todas essas coisas, pois bem, ainda assim não seria feita justiça; eles conservariam o belo papel que não lhes pertence e a história os apresentaria de modo mentiroso. Foi assim que bajuladores, interessados em louvar os pais para se servirem dos filhos, exaltaram em termos eloqüentes a noite de 4 de agosto, como se o momento em que os nobres abandonaram seus títulos e privilégios, já abolidos pelo povo, tivesse resumido todo o ideal da Revolução Francesa. Se se envolve com essa auréola gloriosa um abandono fictício, consentido sob a pressão do fato consumado, o que não se diria de um abandono real e espontâneo da fortuna mal-adquirida pelos antigos exploradores? Seria temerário que a admiração e o reconhecimento públicos os reintegrasse no seu lugar usurpado. Não, é preciso, para que a justiça se faça, para que as coisas retomem seu equilíbrio natural, é preciso que os oprimidos se ergam por sua própria força, que os espoliados recuperem o que é seu, que os escravos reconquistem a liberdade. Eles só a obterão realmente depois de tê-la ganhado por intensa luta.

Extraído da obra A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista, lançada pela Editora Imaginário em 2002. O título é nosso e retirado do coletivo PAEM de Dourados pela BPI.





Greve Geral de 1917

O governo federal republicano situado no Rio Janeiro, desde 1889, não tinha nenhuma consideração com a população. O assistencialismo, demagogia e hipocrisia política que vemos agora fartamente aplicada por administrações populistas, não existia no começo do século e os barões do café só tinham foco para a monocultura cafeeira e tudo que estivesse relacionado ao processo de exportação e seu enriquecimento constante.

Em 1917, a situação dos trabalhadores era precária e sem perspectiva de melhoras. Essa condição era igual para os imigrantes recém-chegados como para os que aqui já estavam. Os afrodescendentes foram abandonados a própria sorte e sem nenhuma indenização em 1888, após terem sido explorados gerações após gerações e produzirem quase toda a riqueza das elites brasileiras e portuguesas.

No plano internacional, os imperialismos capitalistas se chocavam em uma guerra em que milhões de pessoas perdiam a vida por interesses egoístas (1ª Guerra Mundial), que favoreciam apenas uma pequena parcela de poderosos e que se beneficiavam com o sangue que se derramava pelo mundo. No Brasil, os impactos foram sentidos na forma de desabastecimento de produtos simples e é o primeiro passo para uma industrialização pequena, para suprir as necessidades internas.

Essa industrialização toma realmente tamanho e relevância

somente após 1930.

Mas, nesse início fabril, algumas cidades já desenvolvem pequenos polos industriais, com uma mão-de-obra assalariada que formam os primeiros bairros operários. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos, Campinas, Jundiaí, Sorocaba, Ribeirão Preto, entre outras mostram crescimentos populacionais nesse período. Essa mão-de-obra é formada por trabalhadores, muitos imigrantes, que já tinham alguma experiência nas fábricas europeias. Tem-se a união e a organização dos trabalhadores, na forma principalmente de sindicatos e que buscavam, conforme a máxima de suas organizações, bem estar e liberdade. De forte influência anarquista, essas organizações entendiam ser a luta algo amplo e que visava, antes de tudo, a coletivização dos meios de produção e a distribuição das riquezas produzidas entre todos. Mas, tinham o entendimento, que essa luta é feita, sobretudo de forma direta e no dia a dia, através das pequenas reivindicações até que se atinja as condições amplas de uma grande greve geral seguida de uma reorganização social baseada em autogestão, sem políticos profissionais e sem burocracia estatal.

Essas organizações não foram aceitas pelos governos da República Velha, e uma repressão dura e contínua foi feita, com milhares de prisões, deportações, exílios e assassinatos. A repressão foi tão intensa que milhares de sindicalistas foram levados para campos de concentração. Havia também os navios prisões que continuamente recebiam centenas de prisioneiros, navegando pelo litoral brasileiro com sua carga prisional.

Sedes construídas pelas organizações dos trabalhadores eram frequentemente invadidas e seus documentos confiscados ou simplesmente queimados pela polícia. Não era diferente o tratamento dado as bibliotecas e educandários libertários. Devemos chamar atenção para que a educação dos trabalhadores era obra dos próprios trabalhadores, já que as instituições de ensino estavam nas mãos da igreja e tirando as poucas obras assistencialistas, era dirigida para a formação da classe dominante conservadora. Era nítida a diferença entre os grupos dominantes e dominados, não tinham nada em comum e nem a maioria dos trabalhadores tinham alguma ilusão de que algum dia seriam dominadores, exploradores

ou opressores. Não havia controle ideológico dos oprimidos e nesse sentido, compartilhavam os mesmos problemas, viviam nos mesmos bairros, eram vizinhos e se identificavam entre si, criando as condições de sua união por bem estar e liberdade, nada mais e nada menos que isso.

Apesar de toda repressão apresentada nesse período, que foi uma das mais violentas de nossa história, até mais do que a ditadura militar de 64, e isso porque tudo que se referia aos trabalhadores simplesmente era tratado como caso de polícia, como marcou a frase “a questão social é uma questão de polícia”. Mas acima deste ambiente desfavorável para as organizações dos trabalhadores, havia uma forte carestia no país, fruto da grande guerra que assolava a Europa e causava impactos em nossa economia. Com salários baixos e grandes alta de preços, a situação para os trabalhadores os impelia a uma ação e foi iniciada paralisações fabris por melhores condições de trabalho e de salários, dando forma as propostas de ação difundidas pela imprensa anarquista, operária que se mantinha apesar de toda repressão sofrida.

Foi o estopim da maior greve até hoje deflagrada pelas pessoas trabalhadoras brasileiras. Não havia controle do Estado sobre as organizações dos trabalhadores, o que fez que pudessem organizar diretamente as lutas dos trabalhadores de forma a coordenar e articular entre profissões diferentes sua união e solidariedade, o que criou volume e corpo à uma grande onda de pressão a favor das reivindicações dos trabalhadores, como podemos constatar com os documentos e jornais produzidos no período de organizações como Confederação Operária Brasileira (COB), Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), Federação Operária de São Paulo, Federação Operária Mineira (FOM), das Ligas Operárias de várias cidades e bairros, etc. É considerada a maior por envolver diversas categorias e por ter parado inteiramente várias cidades do país, coisa que mesmo com as grandes “centrais” sindicais que temos hoje, não conseguem e nem desejam fazer, tal é o seu alinhamento com o capital e o Estado, triste herança do fascismo de Getúlio Vargas que se mantém.

O patronato, sentindo-se acuado pelas manifestações populares, solicitaram a intervenção policial contra os “desordeiros anarquistas” que atrapalhavam a ordem vigente e seu “sagrado lucro” e a sua “santa propriedade”, uma virgem digníssima canonizada pelo capitalismo global!

A intervenção policial veio na forma que lhe é peculiar: reprimindo e atacando a bala os focos grevistas, os comícios, fazendo vítimas entre ambas as partes. A morte do sapateiro José Iniguez Martinez pela força publica ampliou as paralisações e enfrentamentos em São Paulo, já completamente transformado em um grande campo de batalha.

A situação rumava a um levante popular e de uma magnitude que nunca vista pelas autoridades e classes dirigentes, que a fizeram aceitar os pontos reivindicativos dos manifestantes.

Uma vez retornando a normalidade, o que foi visto e que temos acesso é que uma enorme retaliação ocorreu, com mais prisões, extradições das pessoas “subversivas estrangeiras” e a edição de uma lei anti-anarquista que buscava de forma internacional, minar e caçar todas organizações anarquistas e seus militantes.

Foi imputada ao jornalista e militante anarquista Edgar Leuenroth a culpa pela greve, sendo único processo direto por essa greve. O que era um grande absurdo, já que era mérito de todas as pessoas trabalhadoras tal movimento. Mas a intenção era gerar bodes expiatórios e exemplos para não haver mais levantes e insubordinações de tal envergadura.

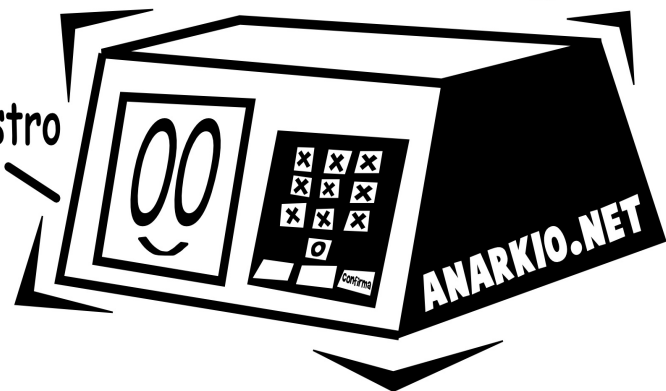
Com o advento dos partidos políticos e sua obsessiva busca pelo poder estatal e cargos públicos, mesmo entre os mais radicais deles, mais a continua repressão ao movimento anarquista, reduz significativamente a participação anarquista nos meios sindicais e das pessoas trabalhadoras, causando um grande revés no movimento das pessoas trabalhadoras na busca de sua emancipação direta.

Mas a chama desse movimento se mantém viva, mostrando que a liberdade e emancipação é possível com a união direta de todas as pessoas trabalhadoras, sem partidos, sem Estado, sem patrões.

Existe Política além DO VOTO!

Não basta não votar,
ORGANIZA-SE

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!



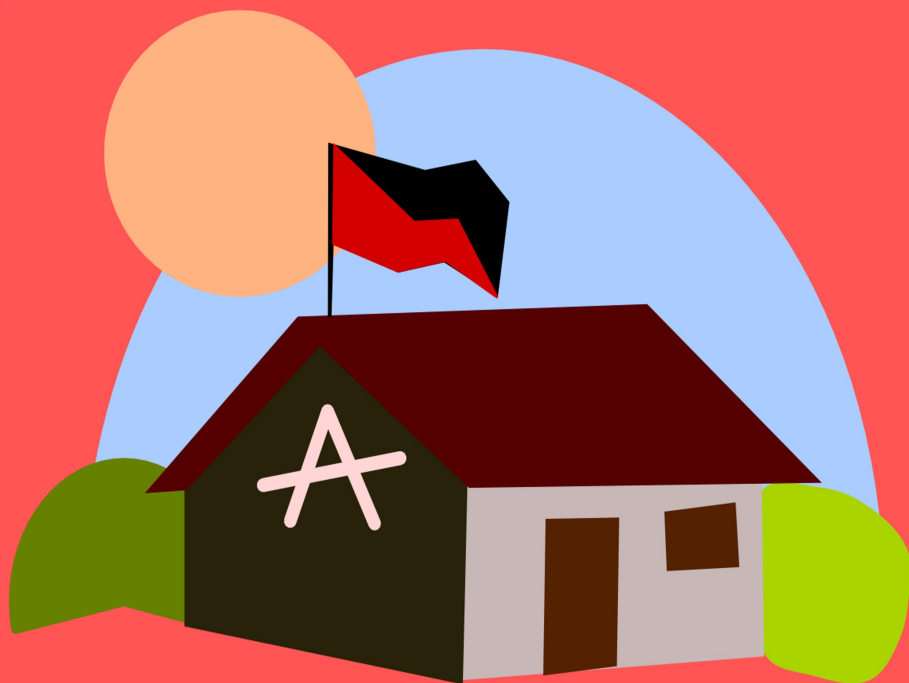
organização Autônoma
sem Partidos, sem Patrões,
sem Estado!



**lernu
esperanto**

**aprenda
esperanto**

anarkio.net



NOSSA CASA NOSSA LUTA!

Iniciativa por espaços
sociais autônomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado
anarkio.net - fenikso@riseup.net

Vizitu nian
interetan paĝon



HTTP://ANARKIO.NET



- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS